

> Elena Landkraut: apontamentos biográficos

> Elena Landkraut: biographical notes

por Daiana Schröpel

Artista visual e pesquisadora. Doutora em Artes Visuais com ênfase em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV-UFRGS, 2020). Mestre (2016) e Bacharel (2013) em Artes Visuais pela mesma instituição. Investiga transversalidades entre arte, imaginário científico e ficção e seus veículos e desdobramentos na contemporaneidade com foco em processos de ficcionalização documental e autoral. Desde 2012 soma a realização de vinte e três exposições, cinco individuais e dezoito coletivas, nas modalidades instalação, desenho, fotografia, objeto e vídeo. Dentre elas, destacam-se: Salão Angelim 2020, em Casa (Universidade Regional de Blumenau, SC - 2020); (Exposição itinerante) Elena Landkraut no Brasil: a comemoração de um centenário (Fundação Cultural de Navegantes, SC - 2019); 22º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre (Porto Alegre, RS - 2018) - Prêmio de Incentivo à Criatividade pela instalação “Elena Landkraut no Brasil: a comemoração de um centenário”; e Pintura e Desenho – a novíssima geração (Museu do Trabalho, Porto Alegre - 2017). Vive e trabalha em Porto Alegre. E-mail: daiana_schropel@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-8040-0730.

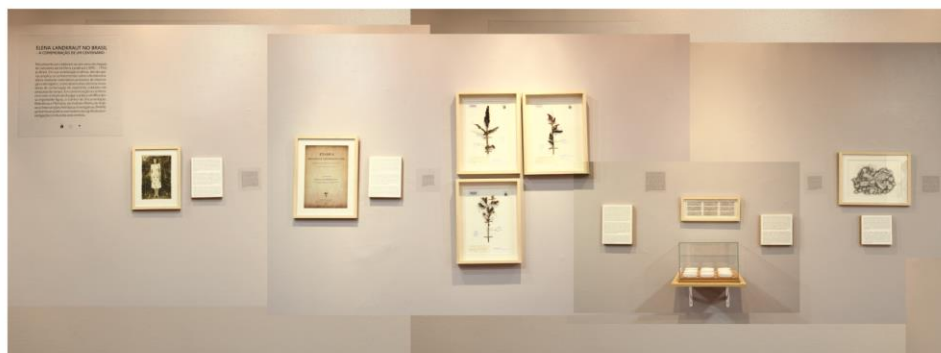
> Ensaio visual recebido em 02.08.2021 e aceito em 08.12.2021.

Em cada conjunto analisado, reconheço um mundo em fluxo, no qual se manifesta uma interessante economia capaz de reformular o nosso entendimento das relações entre as espécies. [...] Ao buscar a compreensão da invisibilidade de tais laços, recuso-me a apreender o real como uma estrutura coerente. [...] A essência dos seres está na complexidade das relações que eles estabelecem entre si e com o seu meio.

Elena Landkraut (1937).

No ano de 2018 celebraram-se os cem anos da chegada da naturalista alemã Elena Landkraut (1890-1942) ao Brasil. Em sua contribuição à ciência, ela não apenas ampliou os conhecimentos sobre a florística brasileira por meio de sistemáticos processos de observação e de registro, como desenvolveu inovadoras técnicas de conservação de espécimes coletados em pesquisas de campo. Dentre os seus notáveis trabalhos consta a criação do *Herbarium Bingenianum* e a atualização do catálogo florístico elaborado por Auguste de Saint-Hilaire no século XIX, ambos importantes instrumentos de registro da flora local e regional. Com o intuito de celebrar a memória dessa emblemática e audaz pesquisadora, o Centro de Memória, Documentação e Referência do Instituto Allotria de Análises e Intervenções Antrópicas Investigativas (IAIAI) organizou, naquela ocasião, uma mostra rememorativa que, posteriormente, assumiu o formato itinerante. Composta por exemplares inéditos de sua atuação, a exposição visou reconhecer a importância do trabalho de Landkraut e divulgar sua prática, até então relegada ao esquecimento e à oclusão na Ilha das Moscas, em Porto Alegre (RS), onde ela viveu e desenvolveu parte significativa de suas investigações. Dando continuidade a esse trabalho de reconhecimento e disseminação, o conjunto iconográfico ora apresentado exhibe o recorte documental contemplado pela mostra comemorativa em questão. Tal coleção se encontra atualmente aos cuidados do Centro de Memória, Documentação e Referência do IAIAI, que desde 2016 reúne em seus acervos a produção científica da naturalista.

Diana Argue



1. Vista da mostra rememorativa *Elena Landkraut no Brasil: a comemoração de um centenário* (2018).



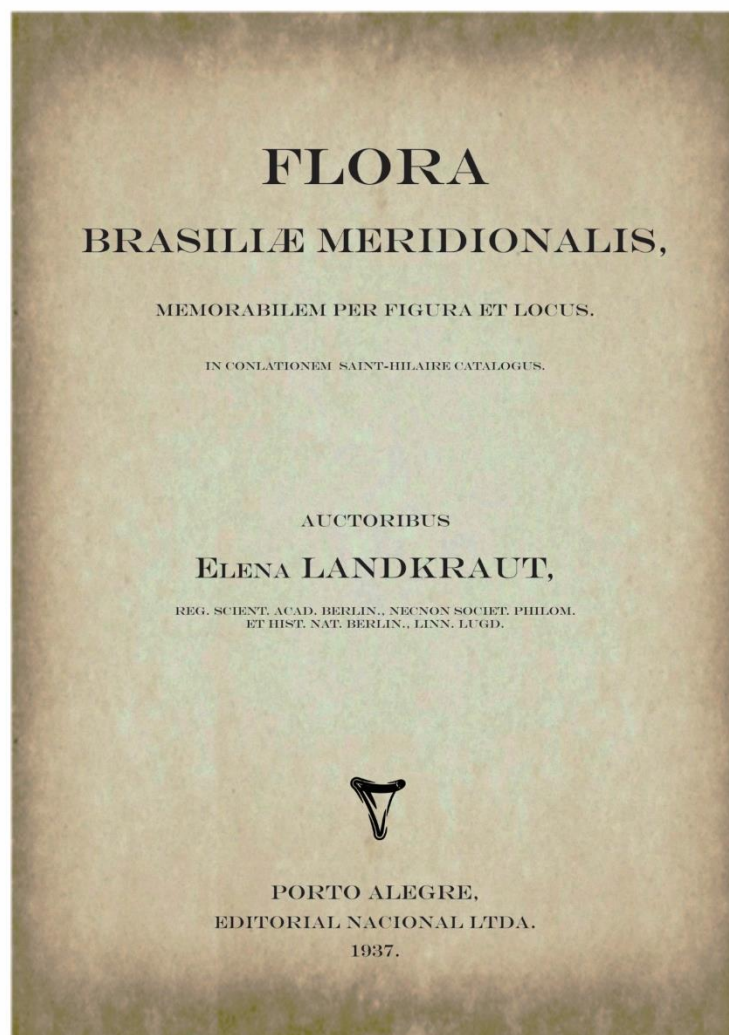
2. Retrato de Elena Landkraut (1923).
Autoria desconhecida.

Elena Landkraut nasceu em 19 de outubro de 1890 na comunidade rural de Grandsee, Alemanha. Desde cedo ela manifestou interesse pela natureza e seus conhecimentos sobre botânica eram reconhecidos por familiares e amigos. Notável nesse sentido é o herbário que ela constituiu a partir de excursões locais, no qual incluía sistematicamente duas plantas por dia. Aos onze anos, ela já possuía uma coleção de oitocentos e vinte espécimes.

Ao completar dezoito anos, Landkraut matriculou-se no curso de História Natural da Universidade de Berlim, da qual recebeu o título em 1912. Dois anos depois, especializou-se em Botânica na Universidade de Jena com tese sobre o tema das plantas carnívoras. Em 1915, assumiu o cargo de assistente no Museu de Botânica de Berlim, onde se familiarizou com a coleção de plantas sul-americanas reunidas no século XIX pelo naturalista Alexander Von Humboldt (1769-1859).

Landkraut veio ao Brasil em 1918 com o intuito de assumir o cargo de Assistente de Zoologia e Botânica no Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A naturalista foi informada dessa vaga pela ornitóloga alemã Emília Snethlage (1868-1929), então diretora do Museu Paraense de História Natural e Etnologia em Belém do Pará, Brasil. Até 1924, período em que ocupou tal posição, ela desenvolveu estudos florísticos nas regiões que compreendem o Arquipélago do Delta do Rio Jacuí, a cidade de Porto Alegre e as margens da Lagoa dos Patos. Durante esse tempo, dedicou-se também à classificação e à catalogação de espécies, trabalho que culminou na atualização do catálogo florístico elaborado pelo botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) em sua expedição ao sul do Brasil em 1820.

3. Capa do catálogo *Flora Brasiliæ Meridionalis* (1937).



Estima-se que as viagens de Landkraut tenham resultado na coleta de doze mil exemplares, dos quais seis ou sete mil são plantas. As amostras, criteriosamente catalogadas e enumeradas nos cadernos de coleta de campo, foram parcialmente descritas no volume único intitulado *Flora Brasiliæ Meridionalis* (1937). A obra descreve o revestimento florístico, a acidentação geográfica e elementos faunísticos distribuídos entre as encostas das serras e o planalto, os avultados de floresta, a planície semidesmatada e a fimbria marítima do Rio Grande do Sul, observados pela naturalista entre 1918 e 1935.

Em 1925, Landkraut foi promovida a pesquisadora associada e passou a coordenar a Seção de História Natural do Museu Júlio de Castilhos. Nesse período ela se dedicou a processos laboratoriais, mediante os quais elaborou rudimentos de técnicas de conservação e de registro, que seriam aprimoradas nos anos seguintes.



4. Exsicata EL221 (1933).

Em virtude das dificuldades de acondicionamento apropriado para os exemplares coletados em saídas de campo, especialmente naquelas que exigiam longos deslocamentos, Landkraut desenvolveu uma técnica de conservação que consiste na imersão dos espécimes em cera de abelha liquefeita a 72 °C. Por meio desse processo, a estrutura dos exemplares torna-se rígida, conservando as qualidades físicas e suas tonalidades originais. Uma vez banhadas, as peças eram acondicionadas em caixas, sofrendo poucos danos durante o transporte. Esses exemplares eram acondicionados no *Herbarium Bingenianum* e utilizados posteriormente na elaboração de ilustrações.



5. Exsicata EL234 (1935).
6. Exsicata EL376 (1941).

O *Herbarium Bingenianum* foi criado no mês de setembro de 1920 e instalado nas edificações do recém extinto Jardim Zoológico de Porto Alegre, no bairro Menino Deus. O empreendimento foi nomeado em homenagem a Hildegard Von Bingen - escritora, musicista, médica, pintora, profetisa e naturalista alemã que viveu no século XII. Em 1939, em virtude de seu desligamento do Museu Júlio de Castilhos, Landkraut passou a manter o *Herbarium* com recursos próprios. No entanto, depois de sua morte em 1942 também o empreendimento foi extinto. O acervo, composto por mais de quatro mil espécimes bem conservados, esteve desde então armazenado na Ilha das Moscas. Em 2016, o Instituto Allotria o revitalizou, incorporando-o aos seus departamentos.

Entre 1933 e 1935, Landkraut percorreu o Rio Jacuí em sua extensão total de 790 quilômetros, desde a nascente situada no município de Passo Fundo até a foz em Porto Alegre. Nessa fascinante iniciativa, ela esteve acompanhada por seu assistente, Tadeu Flores, encarregado da manutenção das instalações temporárias de pesquisa, da escolha dos locais de estadia e pouso, da acomodação de seus pertences e do acondicionamento dos espécimes e registros produzidos.

O relato dessa excursão foi narrado por Landkraut em seu diário. Sob uma perspectiva pessoal, o texto revela os hábitos da cientista em campo: as investidas na mata, a maneira como se acomodava e era tratada por famílias de colonos que, por vezes, cediam pouso a ela e a seu assistente, a alimentação, o banho, a organização do trabalho ao longo do dia. Os escritos revelam também traços de sua personalidade - sobretudo, em passagens passionais -, como quando descreve a paisagem com maravilhamento, quando as flores do pessegueiro a fazem lembrar-se do perfume de sua mãe, quando era presenteada com alimentos ou, ainda, quando conheceu outra cientista viajante em sua passagem por São Jerônimo, no Rio Grande do Sul, em 1935.

São exemplares dessa viagem as 382 placas circulares de gesso sobre as quais foram impressas formas vegetais coletadas por Landkraut ao longo de seu percurso. Desenvolvida pela naturalista, essa técnica era mais adequada para a impressão de elementos com pequenas dimensões e permitia a captação precisa das qualidades formais dos exemplares. Os registros eram posteriormente utilizados na ilustração dos espécimes e na produção de modelos tridimensionais em cera.

7. Amostras de impressões em gesso produzidas por Landkraut no decurso de sua expedição pelo Rio Jacuí (1933-1935).
8. Etiquetas correspondentes dos espécimes impressos em gesso.



A técnica em questão foi desenvolvida a partir do contato de Landkraut com o artista e professor Moritz Meurer (1839-1916). Frequentador do Museu de Botânica de Berlim, Meurer teorizava sobre a reprodução das formas da natureza pela arte. Foi também por meio dele que a naturalista conheceu os estudos fotográficos de plantas do escultor Karl Blossfeldt (1865-1932), com quem ela manteve contato após sua vinda ao Brasil, atualizando-o sobre suas descobertas.

1. <i>Triunfetta vitis</i> R7038 In vicinibus <u>Povoado</u> , Est. Rio Grande do Sul, coll. E. Landkraut, <u>mai.</u> 1932.	2. <i>Arcaum drymif</i> R7019 In vicinibus <u>Soledade</u> , Est. Rio Grande do Sul, coll. E. Landkraut, <u>mai.</u> 1932.	3. <i>Myrtodorea aquis</i> R7023 In vicinibus <u>Soledade</u> , Est. Rio Grande do Sul, coll. E. Landkraut, <u>jun.</u> 1932.
4. <i>Heisteria mappia</i> R7045 In vicinibus <u>Antes do Patricinho</u> , Est. Rio Grande do Sul, coll. E. Landkraut, <u>nov.</u> 1932.	5. <i>Erodia medonitea</i> R7058 In vicinibus <u>Lado da Lagoa</u> , Est. Rio Grande do Sul, coll. E. Landkraut, <u>abr.</u> 1934.	6. <i>Dodonaea clematis</i> R7064 In vicinibus <u>Cachoeira do Sul</u> , Est. Rio Grande do Sul, coll. E. Landkraut, <u>out.</u> 1934.
7. <i>Spiranthera urena</i> R7071 In vicinibus <u>Rio Santa</u> , Est. Rio Grande do Sul, coll. E. Landkraut, <u>dez.</u> 1934.	8. <i>Oploporia vintenna</i> R7094 In vicinibus <u>General Pinheiro</u> , Est. Rio Grande do Sul, coll. E. Landkraut, <u>abr.</u> 1935.	9. <i>Stenaula talauuma</i> R7147 In vicinibus <u>Trinidade</u> , Est. Rio Grande do Sul, coll. E. Landkraut, <u>jun.</u> 1935.



Entre 1926 e 1942, Landkraut desenvolveu uma investigação intensiva sobre a flora porto-alegrense com o projeto *Estudos sobre Interações Sociais entre Plantas Espontâneas*, voltado à observação e à descrição de espécies ruderais. Uma de suas descobertas mais fascinantes está relacionada à identificação de relações harmônicas interespecíficas entre insetos polinizadores e plantas ruderais. Por meio de notas biográficas, é possível compreender os fatores que a influenciaram na elaboração desse importante estudo.

Em 1922, Landkraut deslocou-se até a cidade de Blumenau, no estado de Santa Catarina, com o objetivo de consultar estudos sobre a significação biológica das flores versicolores de autoria do naturalista alemão Fritz Müller (1822-1897). A 15 de março daquele ano ela partiu do porto de Rio Grande (RS) rumo à cidade de Florianópolis (SC), onde desembarcou após três dias de viagem. Seguindo a trote pelo litoral até a foz do Rio Itajaí-Açu, ela navegou até o seu destino final em companhia de pescadores locais.

As observações de Müller acerca da influência da coloração das flores sobre a polinização de insetos ocorreram na proximidade de sua residência no ano de 1877 e foram realizadas em plantas do gênero *Lantana*, polinizadas por borboletas e mariposas. Nesse gênero, as flores duram três dias: no primeiro sua coloração é amarela, laranja no segundo e purpúrea no terceiro. Müller concluiu que se as flores durassem apenas um dia seriam menos notáveis e, se não alterassem sua cor ao longo desse período, as borboletas desperdiçariam tempo vital visitando flores sem néctar. A cor indicaria aos insetos as flores a serem polinizadas a fim de obterem maior quantidade de pólen. Assim, as flores de *Lantana* direcionariam a visita dos insetos a fim de serem fecundadas com maior eficiência.

9. Prancha no. 32 do projeto *Estudos sobre Interações Sociais entre Plantas Espontâneas* (1927). Desenho a grafite de Elena Landkraut.

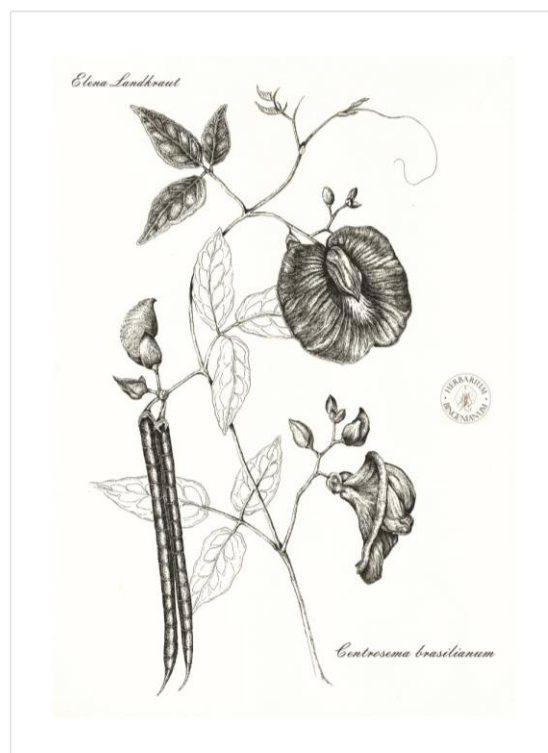


Após o estudo dos procedimentos empregados por Müller, Landkraut repetiu o experimento em arbustos do gênero *Lantana camara* observados na face norte da foz do Rio Itajaí-Açu. Esse período, que se estendeu por seis meses, foi por ela referido como *Observatório da Pedra da Miraguaya*.

10. *Lantana camara* como observada por Elena Landkraut na face norte da foz do Rio Itajaí-Açu (1922). Desenho a nanquim.



11. *Ipomoea pes-caprae* como observada por Elena Landkraut na face no norte da foz do Rio Itajai-Açu (1922). Desenho a nanquim.
12. *Centrosema brasilianum* como observada por Elena Landkraut na face no norte da foz do Rio Itajai-Açu (1922). Desenho a nanquim.



Em sua estadia, Landkraut reuniu inúmeras observações de fauna e de flora, entre elas quarenta e oito espécies de plantas de restinga, como são exemplares *Ipomoea pes-caprae* e *Centrosema brasilianum*. A primeira é uma erva prostrada com flores de coloração lilás, conhecida como Pé-de-cabra, encontrada em regiões tropicais e subtropicais, com importante papel na manutenção das dunas e areias litorâneas. A segunda, também designada Feijão-bravo, é uma leguminosa com flores violáceas e bractéolas ovaladas, comum em solos ácidos e áridos. Anotada por Landkraut como espécie invasora, o registro de *C. brasilianum* em ambiente de restinga indicaria a facilidade de adaptação e de dispersão geográfica dessa planta.

Em 1939, Landkraut foi exonerada de seu cargo no Museu Júlio de Castilhos em virtude de sua ascendência. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial a desconfiança em relação a etnia alemã cresceu em solo brasileiro. Tornava-se insustentável manter profissionais de tal origem em cargos públicos. Nos anos que se seguiram, contando com limitados meios financeiros e pouca receptividade em âmbito intelectual, a naturalista dedicou-se ao aperfeiçoamento de suas técnicas de registro e de conservação. Suas investigações no âmbito das interações sociais entre plantas espontâneas a conduziram ao desenvolvimento de rudimentos para uma teoria sobre relações sociais humanas que, todavia, não pode ser concluída.

Landkraut foi atuante no Brasil entre 23 de abril de 1918 e 11 de agosto de 1942, quando – ao adquirir pneumonia durante uma excursão à cidade de Rio Grande – a morte a surpreendeu. Tal período compreende quase a totalidade da produção da naturalista, que não mediu esforços no estudo da flora brasileira, sobretudo, no estado do Rio Grande do Sul. Em atenção aos seus desejos, foi sepultada na Ilha das Moscas, em Porto Alegre.

Em virtude das circunstâncias, a contribuição de Elena Landkraut ao campo científico foi gradualmente esquecida e seu nome obliterado na escritura da história. Cem anos após a sua chegada ao Brasil, sua trajetória finalmente começa a ser reescrita.



12. Vista da mostra rememorativa *Elena Landkraut no Brasil: a comemoração de um centenário* (2018).

Referência para citação deste ensaio visual

SCHRÖPEL, Daiana. Elena Landkraut: apontamentos biográficos. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 2, p. 16 – 26, dezembro de 2021.